

O RIO DE JANEIRO TURÍSTICO NO *SOUTH AMERICAN HANDBOOK* (1925-1999)

DOI: 10.12957/synthesis.2023.78915

CELSO CASTRO*

Resumo: O texto examina como a cidade do Rio de Janeiro é descrita enquanto destino turístico em uma longa uma série temporal: as edições do guia de viagens britânico *South American Handbook* entre 1925 e 1999. Busca-se destacar o que permanece e o que muda ao longo do tempo nas imagens e narrativas turísticas sobre a cidade do Rio de Janeiro. Ao final, podemos perceber o modo pelo qual elementos como natureza e cultura são representados, oscilando entre a visão de uma Cidade Maravilhosa e a de uma cidade violenta e cheia de perigos para o turista.

Palavras-chave: Rio de Janeiro; guias de viagem; turismo.

The Touristic Rio de Janeiro in the *South American Handbook* (1925-1999)

Abstract: The article examines how the city of Rio de Janeiro is described as a tourist destination in a long-time series: editions of the British travel guide *South American Handbook* between 1925 and 1999. It highlights what remains and changes over time in tourist images and narratives about Rio de Janeiro. In the end, we can see how elements such as nature and culture are represented, oscillating between the vision of a Marvelous City and a violent city full of dangers for tourists.

Keywords: Rio de Janeiro; travel guides; tourism.

A PERGUNTA DA PESQUISA E AS QUESTÕES DE MÉTODO QUE ELA COLOCA

A literatura que se convencionou chamar de “guias de turismo” acompanhou o desenvolvimento do mercado e do consumo turísticos, oferecendo informações práticas e objetivas ao turista, como meios de transporte, hospedagem e alimentação. A maioria dos guias, contudo, também transcendia a dimensão da mercantilização e do consumo objetivos, trazendo visões daquilo que “deveria ser visto” pelo turista. Nesse sentido, os guias também “foram agentes ativos na formação de uma ótica do turismo, a tentativa de visualizar uma autenticidade que pudesse fornecer significado além do mercado.” (KOSHAR, 1998, p. 339).¹

Trata-se de um processo complexo e não-linear, já que muitas vezes as informações dadas poderiam não se revelar precisas quando efetivamente utilizadas pelo turista, bem como a impressão por eles vivida a respeito dos lugares visitados poderia não corresponder àquilo que se antecipara pela leitura dos guias. De qualquer forma, os guias sem dúvida eram peças-chave que compunham uma visão que os turistas formavam *antes* de viajarem para seus destinos. Além disso, podemos também imaginar que, *após* a viagem, os guias pudessem ser uma fonte a partir da qual conhecidos que *não* viajaram pudessem perguntar ao turista sobre a experiência que ele tivera, e à qual este tivesse que se referir.

* Professor da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas (FGV CPDOC).



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons CC BY 4.0 Internacional, que permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho, desde que citem seus autores e a fonte original.

O que essa visão, marcada por imagens e narrativas dos destinos a serem visitados, trazia?² Essa pergunta pode ser respondida analisando-se cada guia singular, no período em que foi publicado, e em relação ao destino que abrangia. Este texto, contudo, busca responder a uma pergunta mais complexa: o que muda ou permanece, *na longa duração*, em relação às narrativas e imagens que os guias associam ao local que se vai visitar?

Uma dificuldade metodológica não trivial para se abordar essa dimensão *temporal* é localizar guias que tenham abordado um mesmo local ao longo de muitos anos. Embora alguns guias tenham tido vida longa, muitos foram descontinuados após alguns anos de publicação. Pode-se, é claro, compor um “mosaico” a partir de guias diferentes, publicados em anos diferentes, que ajudaria a vislumbrar uma certa “linha do tempo”, mesmo que feita de elementos descontínuos. Contudo, nesse caso, fica mais difícil encontrar um fio condutor da análise, na medida em que os diferentes guias também trazem estilos e abordagens diferentes. Finalmente, muitas vezes é difícil para o pesquisador encontrar conjuntos de guias que estejam disponíveis para consulta e que sejam referentes a um mesmo destino, ao longo de muitos anos.

Para este texto consegui superar essas dificuldades práticas ao encontrar uma série longa e bastante completa de um mesmo guia de viagem que abordava a cidade do Rio de Janeiro. O guia de viagens britânico *South American Handbook* (doravante, SAH), publicado pela primeira vez em 1924, é um dos mais importantes guias de viagem publicados no mundo.³

Especialmente relevante para a pesquisa histórica é sua longa duração temporal, a maior para um guia de viagem em língua inglesa. Por ter sido publicado ininterruptamente por um século, a série de guias publicados ano a ano nos convida a um interessante exercício de investigação: observar como, ao longo do tempo, cada “destino turístico” foi apresentado no guia. No caso deste texto, a cidade do Rio de Janeiro.

Examinei um total de 59 edições do guia, publicadas nos 75 anos decorridos entre 1925 e 1999.⁴ O objetivo era compreender a construção do Rio de Janeiro como destino turístico ao longo desse período, destacando tanto as continuidades – a recorrência de imagens e narrativas que permanecem praticamente idênticas desde o início – quanto às mudanças e transformações.

O trabalho visa a contribuir para o campo, ainda em desenvolvimento, da história do turismo no Brasil. Partimos do pressuposto de que, ao pesquisarmos a história do turismo, devemos levar em conta os cruzamentos entre diferentes processos históricos e culturais. Temos que considerar, por um lado, processos internacionais que atuam desde o momento em que o Brasil passa a ser inserido – ainda que de maneira periférica – no “circuito” turístico mundial. Por outro lado, temos processos nacionais e locais que interagem com o contexto internacional e levam à configuração particular que sua “natureza turística” assumiu.

A “natureza turística” de um destino turístico é entendida, nesse contexto, como uma construção histórica e cultural, não como um dado natural nem eterno. Esse processo envolve a criação de um sistema integrado de significados através dos quais a realidade turística de um lugar é estabelecida, mantida e negociada, e tem como resultado o estabelecimento de narrativas a respeito do interesse que a cidade tem como destinação turística. Essas narrativas, que se modificam com o tempo, em alguma medida antecipam o tipo de experiência que o turista deve ter e necessariamente envolve seleções: enquanto alguns elementos são iluminados, outros permanecem na sombra. Nesse processo, como já foi assinalado, os guias de turismo e outros tipos de publicações similares assumem um papel relevante.

A CONSTRUÇÃO DE UM PARAÍSO TROPICAL

Na edição de 1925 o Rio aparece com apenas duas páginas. O guia menciona que a cidade era a capital do Brasil e a segunda maior da América do Sul, com uma população de cerca de 1,160 milhão de habitantes. A paisagem e os “arredores magníficos” são mencionados já na primeira frase, com destaque para “a beautiful bay [...], flanked by mountains and dotted with islands.” Menciona o Pão-de-Açúcar, o Corcovado e as montanhas da Tijuca. A apenas 30 milhas de distância, “rise the fantastic shapes of the Organ Mountains, including the five picturesque peaks known as Dedos de Deus.” No parágrafo seguinte aparece uma avaliação geral da cidade, na qual se destacam as principais atrações – a beira-mar, as praças, os edifícios e os cafés ao ar livre –, tudo muito bem mantido e num ambiente agora – ao contrário de um passado mencionado, porém não datado – saudável para uma cidade nos trópicos:

“The city is worth of its setting. The promenade facing the sea is of white marble, and five miles long. Many of the buildings are palatial, the city squares are of great beauty, with bronze statuary, fountains, and luxurious verdure. These pleasantries are beautifully maintained in order, and the open-air life of the cafés lends constant liveliness and gaiety to the scene. Once an unhealthy city Rio is one of the healthiest in the tropics, with a death rate of twenty per thousand.”

Um maior detalhamento das atrações aparece em seguida:

“The Avenida Rio Branco, the main artery of the city, contains the Government Buildings, Municipal Theatre, School of Art, and Supreme Court of Law. Rua Ouvidor is the shopping centre, Avenida Beira mar is the chief promenade. The Avenida Atlantica, upon the sea-front, has beautiful residences and good bathing-places. The Avenida Niemeyer, on the hillside 125 ft. above the sea, affords splendid views.”

São mencionados em seguida, com informações sobre horários de visitação: o “mundialmente famoso” Jardim Botânico, a Biblioteca Nacional, o Anexo do Museu Histórico (na Praça da República), o Jardim Zoológico (então em Vila Isabel) e a Quinta da Boa Vista.

Curiosamente, numa pequena se o sobre “Excursões a partir do Rio de Janeiro” menciona o Corcovado, com sua “vista soberba” desde o topo; o Pão de A ugar (sem nenhum adjetivo) e a Tijuca (na realidade, a Floresta da Tijuca, no Alto da Boa Vista), dizendo que a vista do alto do Pico da Tijuca “d  uma boa ideia da vegeta o tropical do interior.” A indica o desses atrativos como “excursões” mostra a centralidade que a região do Centro da cidade então ocupava.

Sobre a vida cotidiana, são mencionadas apenas as loterias: “There is a daily excitement in the streets over the sale of lottery tickets, carrying prizes of great value. A percentage of the receipts is paid to local hospitals.” Nada   mencionado sobre vida cultural ou sobre o Carnaval. Quanto a informa es práticas, há men o apenas a seis hotéis: Glória (o mais caro), Palace (na Av. Rio Branco), Copacabana Palace, Central (Praia do Flamengo), dos Estrangeiros (Praça José de Alencar) e Internacional (Rua do Aqueduto, o mais barato).

No guia de 1929 a cidade aparece em duas páginas e meia. O que a meia página adicional inclui? O guia, logo no início, aumenta o tom do elogio   Baía da Guanabara: “The setting is the most admired in the world with a superb brilliance of colouring.” O cenário natural da cidade   mais extensamente descrito: uma estreita faixa de terra entre o mar e as montanhas, cujas rochas contrastam com uma rica vegeta o. Dois pináculos dominam a vista e causam “uma impressão indelével”, de “forte individualidade”: o “famoso cone de granito” do Pão de A ugar e o Corcovado. O guia menciona também o maciço da Tijuca. Como resultado desse conjunto: “The entry into Rio Harbour affords an unequalled spectacle whether by night or day.”

O segundo parágrafo   idêntico ao do guia de 1925. Aparecem agora mais dois hotéis, totalizando oito, e desaparece a men o às loterias. Continuam com destaque a Rua do Ouvidor e a Avenida Rio Branco, mas esta agora merece uma descri o mais extensa: “is lined with buildings of a pleasing ornateness”. Idem para a Avenida Beira Mar, que, “with its royal palms, bougainvilleas and handsome villas, coasting the Botafogo and Flamengo beaches, offers one of the most beautiful of drives.” A Praia de Copacabana agora aparece adjetivada: “the celebrated bathing-place”. O Pão de A ugar também recebe adjetivos: “the bird’s-eye view of the city and its beaches is of a fascinating beauty.” Em rela o   vista do Pico da Tijuca, acrescenta-se uma meia-frase: além de dar uma boa ideia da vegeta o tropical do interior, agora ela virou-se para o lado da cidade e também dá “a capital sight of the bay and the shipping of the port.” Além disso, ganha “pitorescas” cascatas e grutas que podem ser visitadas a p .

O guia seguinte, de 1930,   praticamente idêntico, exceto pela novidade do primeiro serviço de transporte aéreo: só uma linha, que fazia a rota Rio – Santos – Paranaguá (PR) – São Francisco – Florianópolis – Porto Alegre – Rio Grande e Pelotas. Na edi o de 1931 aparece a informa o de que a cidade está passando por extensa remodela o:

“The programme comprises the beautifying of the centre of the town, the construction of buildings on the site of Morro do Castello, the reclamation of the Sacco da Gloria, and the reconstruction of the east end of the city.”

Aumentam os serviços de transporte aéreo, incluindo as primeiras linhas para o exterior: Cie. Générale Aéropostale, que vai para a Europa (via Nordeste e África) e para o Sul, Uruguai, Argentina, Paraguai e Chile; o Sindicato Condor, com linhas para o Nordeste e o Sul do Brasil; e a americana Nyrba Airlines, que vai até os Estados Unidos passando pelo Nordeste, por Belém e pelas Antilhas. A população agora cresceu para 1,730 milhão. No mais, a edição de 1931 é idêntica às de 1929 e 1930. Idem para a de 1932, exceto pela inclusão de mais um hotel – agora são nove. A edição de 1933 repete as anteriores, porém menciona brevemente a novidade inaugurada em 12 de outubro de 1931 no cume do Corcovado: “uma figura gigantesca do Cristo”.

O guia de 1934 mostra que as obras de remodelação estão andando, pois é acrescentada a informação de que a terra retirada do Morro do Castelo agora forma uma península conhecida como Ponto do Calabouço, sobre a qual será construído o aeroporto do Rio de Janeiro, numa referência ao futuro Aeroporto Santos Dumont. Aparece também a menção às primeiras estradas, para São Paulo e Belo Horizonte (esta, passando por Petrópolis e Juiz de Fora). Antes, desde o início, só apareciam ferrovias.

Em 1935 o guia informa que a população é de 1,8 milhão. Aumenta também um pouco o espaço dedicado ao Rio: são agora três páginas e meia. Nesse espaço a mais aparecem referências a dois cassinos – o de Copacabana e o da Urca – e um meio de transporte novo, a linha do Graff Zepellin, que funciona entre junho e outubro. A edição de 1937 dobra o tamanho do espaço dedicado ao Rio: são agora sete páginas. Há uma referência ao balcão de informações do Touring Club do Brasil, localizado “em um belo prédio ao lado da Praça Mauá.” Aparecem mais dois cassinos, o Atlântico e o High Life e vários museus e prédios públicos, bem como uma longa lista de dez igrejas, parques, praças e monumentos, clubes e clubes esportivos. Surgem nessa edição os primeiros anúncios de hotéis.

Na edição de 1938 o aeroporto Santos Dumont já foi construído. Como novidade, encontramos também uma seção de duas páginas sobre a história do Rio, que vai desde seu descobrimento em 1502 até quando foi declarada capital do Império, em 1834. No mais, tudo igual. As edições de 1939, 1940, 1941 e 1942 repetem a de 1938, com mínimas mudanças: em 1941 aparece um anúncio da Confeitaria Colombo e em 1943 a primeira fotografia do Rio, uma vista do Corcovado.

É relevante destacar que os parágrafos iniciais sobre o Rio *permanecem os mesmos desde 1925 até 1944*, quando é incluída uma frase, porém sem alterar o sentido geral:

“The beauty of the panoramic tapestry woven by the rare combination of an aquamarine sea, studded with islands etched in white sand, waving palms and the tumbling green mountains which surround the city is matchless.”

A descrição do Pão de Açúcar agora inclui a montanha como parte da figura imaginária de um “Gigante Adormecido” (“Sleeping Giant”). É mencionado o início da construção da “Avenida Getúlio Vargas”, atual Av. Presidente Vargas, e surge uma foto do Jardim Botânico.

As viagens internacionais ficaram praticamente interrompidas durante a Segunda Guerra Mundial, e depois só lentamente foram retomadas. Por isso, não é de se estranhar que o guia permaneça praticamente inalterado por vários anos. As edições de 1945 a 1950 são iguais à de 1944, com mínimas alterações: a de 1947 diz que a Av. Getúlio Vargas foi inaugurada e que a população da cidade chega a quase dois milhões de habitantes, e em 1950 surge uma publicidade do Corcovado com a descrição do que se pode ver do alto.

DO CENTRO PARA COPACABANA E AS PRAIAS: NOVIDADES NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

Pudemos acompanhar como, de 1925 a 1950, a ênfase recaía sobre a beleza natural da localização da cidade, especialmente em relação às montanhas que a cercam. Ao mesmo tempo, estão presentes, embora em menor quantidade de espaço e de informações, menções à intervenção

humana na cidade – como praças, edifícios, cafés e cassinos. Juntos, esses elementos de natureza e cultura configuram a descrição de um certo “paraíso tropical”. A ênfase, contudo, tanto do ponto de vista do olhar sobre a natureza quanto do resultado de intervenções urbanas recai sobre a zona central da cidade. Uma mudança importante aparece, contudo, nos anos 1950: o surgimento de novas atrações na cidade, que deixa de ter seu interesse turístico focado principalmente no centro da cidade.

Na edição de 1951 diminui a importância do centro comercial tradicional: as descrições da Avenida Rio Branco e das ruas do Ouvidor e adjacências diminuem bastante. Em relação aos hotéis, pela primeira vez são citados mais hotéis em Copacabana do que no centro: dos 15 listados, 8 são em Copacabana, 4 no Centro e 3 no Flamengo. A diferença a favor de Copacabana irá aumentar nos anos seguintes. No mais, os guias de 1951 a 1957 são praticamente idênticos, com mínimas mudanças. No de 1951 é mencionada uma nova rodovia para São Paulo (a Via Dutra), em 1953 surge o Aeroporto Internacional do Galeão e na edição de 1954-1955 a população já passa de 2,3 milhões de habitantes.

No guia referente aos anos de 1957 e 1958 aparece pela primeira vez uma seção “Sightseeing”, com referências a agências de turismo e aos tours que deveriam ser feitos, o que sugere um aumento da profissionalização do *trade* turístico. Muitas atrações ainda estão no centro da cidade, embora continuem menções a locais “outside the city”, como Praia de Copacabana, Pão de Açúcar, Corcovado, Floresta da Tijuca, Jardim Botânico, Quinta da Boa Vista, Jardim Zoológico e, pela primeira vez, o Estádio do Maracanã, que havia sido inaugurado para a Copa do Mundo de 1950. Ele é descrito como “uma das maiores arenas de esportes do mundo”, com capacidade para 150 mil torcedores. O Corcovado agora aparece com uma “vista soberba do topo” e a informação de que fora aberta uma estrada para carros. O Parque da Tijuca ganha uma descrição mais detalhada: são indicadas visitas à Cascatinha Taunay, e se o tempo permitir, a Capela Mayrink, as Grutas de Paulo e Virgínia, o Restaurante Floresta e o Bom Retiro. O visitante deveria reservar no mínimo de 5 a 6 horas para a visita ao Parque. Copacabana continua sendo descrita de forma curta, como “um famoso balneário”, que teria uma população de 300 mil. Surgem referências não detalhadas a teatros e numerosos “cinemas de primeira classe”. Em termos de suporte ao visitante, continua a referência ao posto do Touring no porto, mas agora também se indica o escritório municipal de turismo na Rua México 100-108, esquina de Araújo Porto Alegre, onde os visitantes seriam sempre bem-vindos, recebidos com mapas, informações sobre tours e folhetos grátis. O guia referente aos dois anos seguintes, 1958-1959, repete o anterior.

O guia de 1960 traz a novidade de que o Rio deixará de ser a capital do Brasil, sendo substituída por Brasília. O guia de 1961 acrescentará uma linha ao histórico da cidade, dizendo que o Rio deixou de ser capital, após 125 anos. A descrição geral da cidade, contudo, continua a mesma, embora agora ela tenha 3 milhões de habitantes. Uma mudança sutil, contudo, aparece no guia de 1960: dos dezoito hotéis listados, seis são no Centro da cidade, dois no Flamengo e 10 em Copacabana. Esse é um indicador de que a região central está perdendo a “centralidade turística” para Copacabana. A Zona Sul da cidade, para além de Copacabana, aparece ainda de forma muito breve no guia de 1961, com a simples informação de que “para além de Copacabana estão as duas praias igualmente adoráveis de Ipanema e Leblon.”

Os anos seguintes são escassos de novidades. O de 1962 acrescenta o monumento aos mortos da Segunda Guerra Mundial e o Museu de Arte Moderna (MAM), com galerias, escola de arte, sala de conferências, teatro e restaurante. O MAM havia sido fundado em 1948, porém o edifício no Aterro havia sido inaugurado em 1958. O guia de 1963 traz a informação de que a cidade agora tinha 3,3 milhões de habitantes.

Um marco nessa série de guias é o de 1964. Na descrição inicial do Rio, logo no primeiro parágrafo, uma frase é adicionada: “Os brasileiros dizem que Deus criou o mundo em seis dias e que o sétimo Ele dedicou ao Rio.” Apesar disso, pela primeira vez na série anual que temos acompanhado desde 1925 aparece uma *nota negativa*: “Mas existem alguns pontos negros: congestionamentos, engarrafamentos e terríveis favelas ao redor, com problemas de habitação, abastecimento de água e coleta de lixo.” O mais relevante nessa edição de 1964, contudo, é o destaque que Copacabana ganha, com uma nova e extensa descrição:

“Copacabana, construída em uma estreita faixa de terra – pouco mais de quatro quilômetros quadrados – entre montanha e mar, tem uma das

maiores densidades do mundo: 42 mil pessoas por quilômetro quadrado, ou 170 mil ao todo. Sua magnífica praia curva com arranha-céus é um “must” inesquecível para os visitantes. Mas o banho de mar não é absolutamente seguro, apesar de seis estações salva-vidas, e definitivamente perigoso quando a bandeira vermelha está levantada.

A desolada faixa de areia que era Copacabana de 60 anos atrás foi transformada quando o Túnel Velho foi construído e um serviço de bonde elétrico chegou até lá. Casas e bangalôs de fim de semana se espalharam – alguns ainda estão lá. Nos anos 30, o Copacabana Palace Hotel ainda era o único prédio alto entre as casas, mas a abertura do Túnel Novo nos anos 40 provocou uma explosão populacional que não dá sinais de ter esgotado sua força. Casas e prédios antigos ainda estão sendo demolidos sem piedade e substituídos por blocos de apartamentos de aluguel caro.

Há quase tudo nesta fabulosa “cidade dentro da cidade”: 23 hotéis e pensões, 9 hospitais, 72 farmácias, 132 escolas e faculdades (principalmente privadas), 4 teatros, 7 igrejas, estações de TV e 115 garagens e postos de serviço, cinemas, discotecas e bares e dezenas de bons restaurantes de todas as nacionalidades. As lojas, principalmente na Avenida Copacabana e na Rua Barata Ribeiro, são excelentes. Acontecem, é verdade, faltas ocasionais de água, mas a energia elétrica não cai com frequência. Às vezes ocorrem engarrafamentos terríveis, mas o novo túnel Sá Freire Alvim, inaugurado em 1960, atravessa parte do Morro de Cantagalo e liga a Rua Barata Ribeiro à Rua Raul Pompeia, e isso ajuda a manter o trânsito fluindo de Copacabana para Ipanema e além. Outros túneis estão sendo construídos.

Esta área abarrotada tem, estranhamente, várias belas praças. Um forte militar, com canhões de 15”, instalado no extremo da praia, domina a entrada da Baía do Rio.”

Os guias dos anos seguintes, até 1972, repetem os anteriores, inclusive na descrição acima transcrita de Copacabana e dos problemas do Rio. São feitos apenas pequenos acréscimos, como uma descrição um pouco maior do Aterro do Flamengo e, em 1967, uma linha sobre a Barra da Tijuca, que aparece pela primeira vez no SAH. É mencionado “um sedutor passeio à beira-mar do extremo da praia de Ipanema até a Barra da Tijuca, com vistas grandiosas do Atlântico. Atravessa principalmente regiões desabitadas, muito parecidas com o que eram antes da chegada dos portugueses.”

Nesse guia de 1967 também aparece a primeira referência aos *habitantes* da cidade, e algo irônica, logo após a descrição inicial da cidade e a menção à alegria dos cafés: “os brasileiros sabem como ser ao mesmo tempo alegres e barulhentos.” Essa frase passa a ser incorporada nos guias que se seguem.

NOS ANOS 70, UMA CIDADE DUPLA: A ALEGRIA DO CARNAVAL E OS RISCOS COM A SEGURANÇA

O guia de 1973 acrescenta, no parágrafo sobre os problemas (*black spots*) da cidade, a informação de que as favelas (*shanty towns*) estão sendo gradualmente removidas. A Barra da Tijuca cresce em importância, com a indicação de que o retorno do Alto da Boa Vista para a cidade pode ser feito agora em um ônibus que desce pela Barra da Tijuca: “um centro de recreação em rápido crescimento com uma bela praia e muitos pequenos bares e restaurantes.” A grande novidade que o guia de 1973 traz, contudo, é o Carnaval, pela primeira vez descrito longamente:

“O carnaval no Rio ainda é um dos eventos turísticos mais espetaculares do mundo. Na terça-feira de carnaval e nos três dias anteriores, as duas principais avenidas da cidade – Presidente Vargas e Rio Branco – são decoradas com fantásticos ornamentos de papelão e luzes coloridas, e

as pessoas circulam alegremente pelas ruas com seus filhos, em sua maioria fantasiados. Grupos carnavalescos organizados, os *blocos carnavalescos*, estão muito em evidência, dançando, batucando e cantando. Os visitantes devem garantir assentos nas *arquibancadas* na Av. Presidente Vargas pelas quatro noites de carnaval para ver os grupos dançantes; o mais importante é o grande desfile dos principais clubes de samba da cidade, ou *Escolas de Samba*, durante toda a noite de domingo e a manhã da segunda-feira. Cada clube representa um bairro e escolhe um tema para ilustrar com seu próprio samba; cada um tem seu próprio esquema de cores para figurinos e sua própria seção de percussão, ou *bateria*. Alguns clubes chegam a ter de dois a três mil e levam meia hora para passar pela arquibancada do júri – um espetacular filme na vida real!”

Em seguida o guia menciona que há duas outras ligas, que desfilam na Avenida Rio Branco e na Praça Onze, bem como inumeráveis bailes de clubes. Dá ainda a dica de reservar acomodações com a maior antecedência possível nesse período e sobre como se vestir para os bailes de clubes elegantes: “Lembre-se de que estará quente e vista fantasias tão leves quanto sua modéstia permitir!” Em relação à praia de Copacabana, essa edição acrescenta a recomendação de levar uma toalha ou esteira para se proteger de pequenos insetos mordedores na areia, bem como ficar próximo a grupos de banhistas, pois o mar pode ser perigoso.

Outra novidade na década de 1970 é a referência que aparece, pela primeira vez, no guia de 1973, em relação à *segurança* dos turistas, embora (ainda) em apenas duas linhas. “Batedores de carteira [pickpockets]. O Rio não é nem de longe tão ruim quanto, digamos, Bogotá, mas precauções razoáveis são aconselháveis.” Outra advertência em relação à segurança aparece na seção sobre o Carnaval. Esta é aumentada em algumas frases, incluindo o desfile de clubes de frevo no sábado (“Uma dança do Nordeste bastante parecida com a dos Cossacos”) e o desfile dos ranchos carnavalescos na segunda-feira, com a informação de que “era a dança tradicional do Rio antes da introdução do samba em 1917”, e um grande desfile de carros alegóricos das “grandes sociedades” na terça-feira. Aparece também uma nota específica em relação à segurança: “Batedores de carteiras e ladrões são muito ativos durante o Carnaval. Não percorra recantos escuros por conta própria e leve consigo apenas o dinheiro necessário para passagens e bebidas.” O Carnaval do Rio, apontado como um espetáculo de destaque mundial, aparece, portanto, desde o início, associado à violência e ao risco.

O guia de 1973 também alarga um pouco mais a geografia turística da cidade, avançando para além de Copacabana:

“Para além de Copacabana estão os belos subúrbios litorâneos de Ipanema e Leblon; são menos urbanizados que Copacabana, e ainda mostram casas espaçosas em ruas arborizadas e praias que tendem a ser mais limpas, embora não menos perigosas, que as de Copacabana. Para além do Leblon a costa é rochosa; a Avenida Niemeyer contorna os penhascos na viagem para os mais novos subúrbios litorâneos, São Conrado e Barra da Tijuca (camping). No extremo da Barra da Tijuca fica o Recreio dos Bandeirantes, uma praia de banho segura e com um bom restaurante.”

Aparecem novas e esplêndidas vistas da paisagem da cidade, a partir de outros lugares: a Vista Chinesa, a Vista do Imperador e o Mirante Dona Marta. Na seção sobre hotéis, São Conrado surge com duas menções, sendo um deles ainda construção, numa região descrita como: “um cenário espetacular na Praia da Gávea, mas bastante isolado.” À breve descrição da Barra da Tijuca já mencionada anteriormente se soma a informação de que lá existem vários pequenos *night clubs*, frequentemente apresentando encenações de ritos de vodu (*macumba*).

A edição de 1976 atualiza a informação sobre a população da cidade – agora são 4,4 milhões – e mantém a mesma referência aos problemas – os “black spots”. A seção sobre hotéis inclui pequenas referências a três hotéis em Ipanema e Leblon, “regiões mais tranquilas e menos

comerciais que Copacabana.” A seção sobre Carnaval inclui a informação de que, se não for possível visitar a cidade na época do Carnaval, é possível assistir, a partir de novembro, a ensaios das escolas de samba.

O trecho sobre os *pickpockets* fica mais detalhado no guia de 1977, passando a ter quatro linhas que informam que, nas praias famosas, “meninos pequenos são um perigo real para visitantes desavisados. Eles trabalham em gangues, alguns desviando sua atenção enquanto outros vasculham bolsos e bolsas. Portanto, cuidado com amigáveis meninos pequenos.” A referência aos pontos negativos continua presente, e em 1978 a menção aos “black spots” é alterada, passando a informar que:

“Para o visitante, a grande quantidade de obras públicas (água, esgotos, instalações elétricas e construção do metrô) apresenta um risco sob a forma de serviços de pavimentação muito precários, linhas de ônibus desviadas e aumento dos níveis de ruído. A abertura do metrô no final de 1978 levará a uma grande reorganização do transporte público.”

O guia de 1978 também menciona a construção do Sambódromo e o *very beautiful* festival de Iemanjá de 31 de dezembro, “quando os devotos dos cultos de espíritos trazidos há séculos pelos escravos da África se reúnem na praia de Copacabana, cantando e dançando em volta de fogueiras e fazendo oferendas”, e pequenos barcos dedicados à Rainha do Mar são lançados nas águas. Novamente, porém, o guia adverte: “se você for, cuidado com os ladrões.”

Surge uma seção específica para a Barra da Tijuca, “uma área nova e em rápido desenvolvimento”, planejada para ser um bairro totalmente autossustentável, e com as novas construções rigidamente controladas para não criar outra “selva de concreto”. O guia também destaca que é uma das principais áreas de lazer do Rio, sendo seus 20 km de praia a principal atração. Além disso, há muitos bares e restaurantes, campings, motéis e hotéis.

NOS ANOS 80, A MARCA DA VIOLÊNCIA

No guia de 1979 já surge uma pequena seção intitulada “Segurança pessoal”, que diz que: “Viajantes frequentes para o Rio e moradores de lá sugerem que o problema da segurança pessoal está crescendo. Sugere-se às mulheres que não se aventurem sozinhas à noite ou vão ao cinema sozinhas, devendo garantir que sejam escoltadas para casa.” Vale ressaltar que uma das marcas do SAH passou a ser, com os anos, a inclusão de informações enviadas por carta por viajantes e moradores das localidades descritas no guia, e que são em alguma medida incorporadas às edições seguintes.

Ao longo da década de 1980 o tema da violência e da segurança dos turistas assume crescente importância no guia. Os deslocamentos e a mobilidade urbana são vistos como especialmente perigosos. Na seção sobre o aeroporto do guia de 1981 há um aviso para tomar cuidado com taxis piratas, cujos motoristas podem cobrar preços exorbitantes. Aliás, na seção sobre taxis em geral já se alerta para a tentativa de se cobrar a mais, “que parece estar crescendo”. No guia de 1985 aparecerá também a menção a tabelas falsas nos táxis. Além disso, se antes se dava a sugestão de se tomar um ônibus até Santa Cruz passando pela Barra da Tijuca, “viajantes recentes sugerem que não vale mais a pena ir além de São Conrado.” Na seção sobre o bairro de Santa Teresa, acresce-se uma informação sobre o bondinho: “Meninos ocasionalmente correm ao lado do bonde, pulam e tentam aliviá-lo de relógios, câmeras, etc.” A ida a sessões de macumba também merece o alerta de que os tours noturnos vendidos em hotéis não são experiências genuínas e que é imperativo, para quem quiser ver “the real thing”, que geralmente ocorre em favelas, ter um contato local, pois elas não são seguras para turistas desacompanhados.

Para além dessas precauções, espalhadas em várias seções, surge no guia de 1981 uma nova, com dez linhas, intitulada simplesmente “Crime”, que se inicia com a afirmação de que “o Rio está cada vez pior, tanto em assaltos quanto em furtos.” São repetidas as precauções a se tomar principalmente em relação a bandos de meninos nas praias famosas. Acrescenta-se, neste ano, a novidade de se tomar cuidado também com engraxates e prostitutas na Avenida Atlântica, que atuam como gangues. Toda precaução é pouca. No Carnaval, deve-se evitar usar calças compridas, que, além de não serem apropriadas para o calor, podem identificar uma pessoa como

turista estrangeiro. O caminho que vai do Cosme Velho para o Corcovado pode ser feito a pé, mas o guia sugere que não se faça sozinho: é melhor ir acompanhado, por causa dos roubos que não são raros nessa região. O Pão-de-Açúcar continua sendo uma atração, mas sua descrição agora é acrescida de um alerta para ladrões na estação de partida do teleférico. Finalmente, o guia ainda avisa para “não se esperar qualquer ajuda da polícia”, e traz uma informação surpreendente: a de que se deve “sempre ter algum dinheiro, pois os ladrões podem ficar furiosos e muito agressivos se suas vítimas não o tiverem.”

No guia de 1985 a seção sobre crime, além de repetir as advertências já mencionadas, acrescenta a recomendação de não se usar joias ou qualquer objeto que torne o turista um alvo óbvio, bem como a informação de que têm sido reportados casos de violência em ônibus. Aumenta a seção sobre crime, que agora tem 15 linhas e inclui uma advertência para não se usar joias ou sair com nada que torne o turista um alvo óbvio, e outra sobre relatos de violência em ônibus, com ladrões de carteiras e bolsas agindo junto às catracas. Apesar de se afirmar que há mais policiais na rua, num esforço para combater o crime, várias áreas deixaram de ser seguras, sendo as mais perigosas a do Dois Irmãos, Santa Teresa, a Avenida Atlântica à noite e os arredores do Hotel Intercontinental em São Conrado. A seção sobre bondes alerta para ter cuidado com roubos, especialmente nos horários de *rush*, e para não se caminhar do Dois Irmãos até o Silvestre, no caminho para o Corcovado, pois lá roubos seriam muito comuns.

No guia de 1987, a seção sobre crime passa a ter 18 linhas e sugere, adicionalmente ao que já se disse antes, que o turista não carregue ou consulte guias turísticos ou mapas nas ruas, e que leve seus pertences numa sacola comum, como os moradores fazem. Na lista dos locais perigosos acresce-se agora o Pão de Açúcar, o Corcovado, a Quinta da Boa Vista, a área do Jardim Botânico e o Jóquei Club. Além disso: “Para evitar ser enganado nos bares, principalmente se estiver sentado ao ar livre, pague assim que receber a conta (embora isso seja contrário ao costume), peça sempre uma conta discriminada e verifique o troco; alternativamente, pague no caixa.”

O guia de 1989 traz informação de que os ladrões agora atuam dentro dos ônibus, particularmente quando eles passam por dentro de túneis, e alerta para se ter muito cuidado ao fazer câmbio de dinheiro, pois os ladrões costumam esperar do lado de fora das lojas. Surge nesse mesmo ano a primeira referência à festa de fogos do Réveillon em Copacabana, ainda realizada no âmbito da Festa de Iemanjá e com destaque para as oferendas em pequenos barcos. Porém, mais uma vez, retorna o mantra: “Novamente, se você for, cuidado com os ladrões.”

A década de 1980 se encerra, nesse guia de 1989, com uma triste nota no primeiro parágrafo que abre a descrição do Rio, trecho que era mantido muito pouco alterado desde 1925. Após 64 anos ele ficou menor, suprimindo-se a chegada pela Baía da Guanabara – o que é compreensível, pois não se chegava mais de navio à cidade –, porém mantendo-se a descrição quase idílica de que a localização geográfica da cidade, entre as montanhas e o mar, era magnífica, e repetindo o dito popular de que Deus havia criado o mundo em seis dias e dedicado o sétimo ao Rio. Contudo, surge nesse ano a frase de que: “Os homens estão agora tentando desfazer a obra de Deus, erguendo muitos prédios altos”.

OS ANOS 90: ENTRE A CIDADE MARAVILHOSA E O RIO BABILÔNIA

Os guias dos anos 1990 seguem no geral a mesma linha da década anterior: uma mistura de paraíso tropical, marcado pela natureza magnífica do Rio – a Cidade Maravilhosa – com a de uma cidade violenta e sensual, ou mesmo sexual – o Rio do Carnaval, o Rio Babilônia.

A seção geral sobre o estado do Rio do SAH de 1992 abre com uma frase dúbia, destacada em negrito: “O mundialmente famoso Rio, com sua bela localização, carnaval e muito mais (nem tudo encantador), além dos resorts de montanha e praia próximos.” A frase final do primeiro parágrafo sobre a cidade continua depreciativa: “A obra de Deus está agora sob ameaça de muitos arranha-céus e da falha em manter a cidade adequadamente limpa.”

A seção sobre crime não para de crescer. O guia de 1992 já tem 29 linhas e acrescenta, em relação aos anteriores, informações de que depois do anoitecer os taxis não param mais para pegar passageiros; que os ladrões agora também atuam junto às bancas de jornal, e que o centro da cidade pode ser perigoso nos fins de semana, quando a maioria dos policiais está patrulhando as praias. Entre as regiões mais perigosas aparecem agora o trem entre o zoológico e o Maracanã, a Avenida Princesa Isabel (na entrada do Túnel Novo) e o ponto de ônibus do Shopping Rio Sul.

No trenzinho do Corcovado, deve-se tomar cuidado com os ladrões que roubam pelas janelas abertas.” Há também um alerta assustador para quem se aventurar a alugar e dirigir carros: “Motoristas, cuidado com cobras vivas sendo jogadas pelas janelas abertas do carro: você pula fora, o ladrão pula dentro.”

Apesar dessa descrição terrível dos perigos da cidade, uma frase final tenta minimizar o medo do potencial visitante: “Deve-se acrescentar que o Rio continua sendo uma cidade linda e fascinante. Embora os avisos não devam ser ignorados, usar o bom senso deve ajudar a ter uma visita sem problemas.” Mesmo assim, o guia de 1993 continua adicionando advertências sobre perigos que o turista pode encontrar no Rio. A proximidade do Parque da Cidade com a favela da Rocinha agora o torna pouco seguro. A seção sobre compras alerta para o fato de que comprar nas lojas mais chiques o torna um alvo para ladrões, e sugere que o turista entre diretamente num taxi ao sair, ou que peça para que sua compra seja entregue no hotel. Na seção sobre crime acrescenta-se uma advertência que coloca em suspeição a própria polícia: “Não aceite nenhuma bolsa ou pacote (mesmo que sejam largados ou jogados para você), pois você pode ser preso por posse de drogas e ‘multado’ pela polícia.” O guia de 1995 bate novo recorde em termos de advertências, trazendo agora 46 linhas sobre o fenômeno da insegurança no Rio. É incluída nessa edição uma nova abertura, que procura explicar o fenômeno da violência no Rio:

“A maioria dos visitantes curte o glamour do Rio e a rica variedade de experiências que ele oferece, sem quaisquer problemas. Vale lembrar que, apesar da cultura praiana, do ambiente despreocupado e do povo amigável, o Rio é uma das cidades mais densamente povoadas do mundo. Se você mora em Londres, Paris, Nova York ou Los Angeles e se comporta no Rio com a mesma cautela que faz em casa, terá azar no caso de se deparar com qualquer crime. Há pobreza extrema no Rio: a maioria dos roubos que ocorrem são cometidos por desespero. Os visitantes estrangeiros são um alvo óbvio: simplesmente por ter conseguido pagar a passagem, você é comparativamente rico. Os brasileiros geralmente podem dizer que você é estrangeiro apenas pela maneira como você se comporta, mas não faz sentido parecer que você tem algo que vale a pena roubar (vestindo roupas caras, joias valiosas, uma bolsa grande ou sua câmera – coloque-a em uma pequena bolsa, carregada à sua frente, ou compre câmeras descartáveis sempre que precisar). Se você tiver a infelicidade de ser ameaçado, tente se lembrar de que o agressor provavelmente está tão assustado quanto você e não o machucará se você der a ele o que ele está pedindo (mantenha algum dinheiro facilmente acessível, por precaução). Se você vir alguém tendo problemas, não interfira, mas tente fazer muito barulho para afugentar o agressor; se você acha que está sendo seguido, vá até um policial. As ruas não são excessivamente perigosas à noite, mas se você estiver saindo com suas melhores roupas, não souber o caminho, ou estiver bêbado, é melhor pegar um táxi. Todos os conselhos acima vêm da polícia turística, *Delegacia do Turista* [...], que publica um folheto com conselhos sensatos. [...] Se você tiver algum problema, entre em contato primeiro com a polícia de turismo.”

Segue-se uma longa lista de perigos:

“Os túneis não são seguros para atravessar a pé; o centro da cidade aos domingos, quando está deserto; becos quietos; multidões espremidas; esquinas escuras. Os moradores não andam nas praias à noite; se for preciso, não saia da vista da calçada. A floresta da Tijuca é melhor explorada com um grupo de seis ou mais, exceto o trecho entre a praça Afonso Vizeu e a Cascatinha, que é bem policiado durante o dia; o bonde atrai batedores de carteira; assaltos às vezes acontecem em ônibus urbanos: não os use se a guarda de seus pertences for essencial

(os ônibus particulares “frescão” são mais seguros). A principal estação de ônibus é patrulhada por dentro, mas desconfortável por fora. Se for à Zona Norte à noite, use um táxi; passear pelas favelas a qualquer hora do dia é ao mesmo tempo imprudente e de gosto duvidoso. Você deve ficar alerta com vendedores ambulantes e crianças: aqueles que trabalham nas mesas de bares ou restaurantes terão tido permissão da gerência e oferecem pouco risco, embora as crianças possam ter os dedos leves, então cuidado com a carteira.

Parece que muitos crimes contra turistas são resultado de imprudência: lembre-se de que você está em uma cidade movimentada e que as praias são o pivô da vida cotidiana; deixar coisas sem vigilância na areia equivale a deixá-las na Times Square enquanto você vai dar uma volta. Pediram-nos para aconselhar os leitores do sexo masculino que todos os riscos usuais se aplicam ao contratar prostitutas de ambos os sexos (a polícia pode ficar do lado de sua acompanhante em uma disputa sobre preço – não discuta). Os bairros da “luz vermelha” da Zona Sul dificilmente acarretarão atos criminosos para quem por eles andar à noite, mesmo crianças ou mulheres desacompanhadas. No entanto, desconfie de qualquer clube para o qual você seja convidado por um estranho (abra sua bebida na sua frente) e de qualquer pessoa que ofereça drogas. Você tem mais a perder ao carregar todos os seus pertences e ao entrar e sair de bancos, casas de câmbio e lojas caras, então tome cuidado redobrado. Outras vezes, coloque seu passaporte, cheques de viagem etc. no cofre do hotel. Não leve muita coisa com você quando sair, tenha algum bom senso e relaxe.”

Fica difícil imaginar como um leitor do guia e potencial visitante poderia “relaxar” ao ler tantas advertências sobre os perigos da cidade...

Além das muitas informações e cuidados que o visitante deve ter em relação à sua segurança na cidade, o guia de 1995 também traz referências explícitas a atividades sexuais associadas ao mundo dos turistas. A vida noturna carioca é descrita como rica e infinitamente variada, sendo um dos principais atrativos para muitos visitantes. Contudo, as discotecas de Copacabana atraem muitas garotas de programa, sendo a mais famosa a Help, não recomendada para casais; informe-se que as boates mais respeitáveis permitem a entrada apenas de casais. Há também vários bares, discotecas e pontos de encontro gays, mas o guia aconselha a se ter muito cuidado ao visitá-los. Ainda no guia de 1995, é possível perceber como o bairro de Copacabana já é representado como um local decadente, além de perigoso, apesar de manter uma fama mundial. Há a informação de que as melhores lojas já se mudaram para Ipanema, Leblon ou para um dos muitos *shopping centers* da cidade.

Em termos de diversão, o Carnaval carioca assume ainda mais centralidade, com duas páginas e meia de um texto que começa dizendo que ele é “espetacular” e que dura cinco dias, durante os quais:

“A imaginação corre solta, as avenidas principais são iluminadas de forma colorida, cheias de gente, e as crianças usam fantasias. Bandas especiais ocupam toda a cidade para danças de rua [...] e grupos carnavalescos organizados, os *blocos carnavalescos*, estão por toda parte, dançando, batucando e cantando (entre outros, procure a divertida Banda de Ipanema, um desfile de travestis) [...].”

No guia de 1997, a tradicional Festa de Iemanjá na noite de 31 de dezembro já é superada pela queima de fogos: “O evento religioso é ofuscado [...] por uma enorme festa de Ano Novo em Copacabana. A praia fica lotada com milhares de foliões que desfrutam de concertos gratuitos ao ar livre de grandes estrelas pop, com uma suntuosa queima de fogos à meia-noite.” O guia de 1999 já diz que os devotos passaram a fazer suas oferendas nos dias 29 ou 30 de dezembro, agora na Barra da Tijuca, para evitar as multidões e o barulho do Réveillon.

No guia de 1999, o último examinado para este texto, a parte referente ao Rio já tem 30 páginas e meia; lembremos que a de 1925 dedicava apenas duas páginas à cidade. Apesar de todos os riscos e pontos negativos da cidade, a abertura referente ao estado do Rio é positiva: “A bela localização do Rio, seu carnaval e muito mais fazem dele um ímã para milhares de visitantes, que vêm compartilhar a cultura carioca e sua obsessão pela praia o ano todo.” Desaparece também a menção negativa ao final do primeiro parágrafo sobre a cidade, repetido desde 1992, e que dizia que os cariocas tentavam destruir a obra de Deus...

CONCLUSÃO: REVENDO O PERCURSO

Como dito no início, a série de edições do *South American Handbook* aqui examinada permite, ao longo de 75 anos – 1925 a 1999 – acompanhar permanências e mudanças nas imagens e narrativas turísticas sobre a cidade do Rio de Janeiro. É evidente o crescimento da cidade como destino turístico, pois passa-se de duas páginas e meia, no início dessa série, para 30 páginas e meia ao final.

Essa multiplicação no espaço dedicado ao Rio engloba duas dimensões principais. A primeira é a de uma “Cidade Maravilhosa” marcada por uma *natureza* exuberante e por paisagens espetaculares, quer ao se entrar na Baía de Guanabara, quer vistas do alto de suas montanhas. A dimensão *humana* da vida na cidade restringe-se, nos anos iniciais, ao efeito surpreendente de se encontrar *civilização nos trópicos*: uma cidade moderna, com prédios de destaque no Centro e uma vida ao ar livre em belas praças e sofisticados cafés. Mais tarde, essa dimensão *glamurosa* estende-se para a vida à beira-mar, com destaque para Copacabana e as praias da Zona Sul, chegando mais tarde à Barra da Tijuca. Nesse percurso, o centro de interesse vai visivelmente deslocando-se da região central para a Zona Sul e em particular suas praias.

Por outro lado, a dimensão *humana* da cidade é problemática. Nos anos iniciais praticamente nada se fala de seus habitantes, os *cariocas*: a natureza é que assume total centralidade. O espaço reservado a manifestações de vida cultural na cidade é restrito. Os “locais” vão aparecer principalmente com o Carnaval, experiência também considerada única por sua alegria, exuberância e beleza. Ao mesmo tempo, contudo, tipos humanos vão surgindo e sendo descritos num *crescendo* negativo, que vai de batedores de carteira ardilosos a ladrões violentos. A lista de perigos que se colocam à cidade nesse segundo período é extensa e assustadora.

Há evidentes limitações no uso de guias desse tipo como fonte. Pouco sabemos, através deles, da experiência *real* dos turistas na cidade, para além de inferências que podemos fazer tendo em conta que o guia passou a utilizar-se, ao longo do tempo, de informações enviadas por correspondência. Como eles utilizavam o guia, em que medida achavam suas imagens e narrativas úteis ou fiéis é questão que não pode ser examinada a partir dessa fonte. Os guias, contudo, em especial numa longa série temporal, como a aqui examinada, permitem perceber com clareza a natureza turística de um lugar como o efeito de uma *construção histórica e cultural*, e não o resultado direto de alguma “essência” nele presente.

NOTAS EXPLICATIVAS

¹ “[...] were active agents in the formation of an optics of tourism, the attempt to visualize an authenticity that could provide meaning beyond the marketplace.” KOSHAR, Rudy, “What Ought to Be Seen’: Tourists’ Guidebooks and National Identities in Modern Germany and Europe”. *Journal of Contemporary History*, Vol. 33, No. 3 (Jul. 1998), p. 323-340.

² Para a fundamentação teórica mais geral da perspectiva adotada neste artigo, ver: CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 80-87.

³ A origem do SAH remonta a 1921, quando começou a ser publicado o Anglo-South American Handbook, pela Federation of British Industries. Em 1924 ele tornou-se *The South American Handbook*, quando foi privatizado pela Trade & Travel, braço editorial da Royal Mail Steamship Company (RMSC). Ver: SYLGE, Caroline. “Walking tall: Footprint publishes the 80th edition of its South American Handbook this month.” *The Bookseller*, n. 5088, 1 Aug. 2003, p. S8+. Gale Academic OneFile. Disponível em: <http://link.galegroup.com/apps/doc/A110529646/AONE?u=fgv_br&sid=AONE&xid=3ef58edd>. Acesso em: 23 abr. 2022.

⁴ Os guias foram localizados na biblioteca da Universidade da Florida, em Gainesville, que possui uma das melhores coleções americanas sobre América Latina, além de um pioneiro Center for Latin American Studies. Pelo menos quatro dessas edições referem-se a um período de seis anos (1954-1959), durante os quais a edição foi bianual. Os anos que faltam devem-se a uma lacuna na coleção. O conjunto de edições examinado, contudo, é suficiente para os propósitos da análise feita neste texto. Agradeço a inestimável ajuda de Andrea Ferreira, que localizou e fotografou para mim os guias, em 2014.

Recebido em fevereiro de 2023

Aprovado em abril de 2023